

# Evangelii gaudium e libertação: opção preferencial pelos pobres

## Evangelii gaudium and liberation: preferential option for the poor

Alexandre Medeiros<sup>1</sup>

### Resumo

Pesquisas na área da Educação, mais particularmente em torno de Paulo Freire, constituem as provocações que motivaram o presente estudo. Logo, sem a pretensão de trazer aqui uma escrita teológica, oferecemos um diálogo entre as obras *Evangelii gaudium*, do papa Francisco, publicada no final de 2013, e *Teologia da libertação: perspectivas* de Gustavo Gutiérrez, publicada em 1971. O objetivo é buscar nas duas obras aproximações em torno da opção preferencial pelos pobres. A conclusão aqui estabelecida é de que há discursos semelhantes entre os dos primórdios da teologia da libertação e o documento eclesiástico. Este breve ensaio dialógico busca uma contribuição do cristianismo para nossos dias, a favor de uma teologia conscientizadora, de uma teologia da vida, contra os mecanismos da morte.

### Palavras-chave

Opção pelos pobres. Exclusão. Teologia da libertação. Educação.

### Abstract

Research in the area of Education, more particularly around Paulo Freire, constitutes the provocations that motivated the present study. Therefore, without the intention of bringing here a theological writing, we offer a dialogue between the works *Evangelii gaudium*, by pope Francis, published at the end of 2013, and *Liberation theology: perspectives* by Gustavo Gutiérrez, published in 1971. The objective is to seek in both works approaches around the preferential option for the poor. The conclusion established here is that there are discourses similar to those of the beginnings of liberation theology and the ecclesiastical document. This brief dialogical essay seeks a contribution from Christianity to our days, in favor of an awareness-raising theology, a theology of life, against the mechanisms of death.

### Keywords

The option for the poor. Exclusion. Theology of liberation. Education.

## INTRODUÇÃO

A opção preferencial pelos pobres é um conceito teológico e social frequentemente associado a teologia da libertação. O papa Francisco em sua abordagem pastoral tem demonstrado grande proximidade com essa teologia. A ideia por trás dessa abordagem é que, assim como Jesus Cristo mostrou uma atenção especial aos pobres e vulneráveis durante seu ministério, os cristãos também devem demonstrar um cuidado especial pelos desfavorecidos do mundo. O papa Francisco tem sido particularmente enfático na defesa dos direitos dos pobres e na denúncia das desigualdades sociais. Ele frequentemente critica as estruturas sociais e

---

<sup>1</sup> Doutor e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Licenciado em Educação pela Faculdade Paulista São José (FPSJ). Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Ibirapuera (UNIB). Pós-doutorado em Educação na Universidade de São Paulo (USP). Diretor acadêmico do Centro de Estudos Júlio Verne. Contato: [jverne@uol.com.br](mailto:jverne@uol.com.br).

econômicas que perpetuam a pobreza e a exclusão, e exorta os líderes mundiais e os fiéis a agirem em prol da justiça social.

As pesquisas na área da Educação, mais particularmente em torno de Paulo Freire, constituem as provocações que motivaram o presente estudo.

Daí a crítica permanente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia (FREIRE, 2011, p. 16).

Sem a pretensão de trazer uma escrita teológica, oferecemos um diálogo entre as obras *Evangelii gaudium* e *Teologia da libertação* (GUTIÉRREZ, 2000), na tentativa de compreender o que significa “ser uma Igreja pobre” (GUTIÉRREZ, 2000 p. 182), ou melhor, “uma Igreja pobre, para os pobres” (EG 198). A partir dessa compreensão, buscaremos as contribuições da educação libertadora (GUTIÉRREZ, 2000, p. 168), para uma teologia conscientizadora, uma “teologia da vida, contra os mecanismos da morte” (SUNG, 2008, p. 98).

Estudar o primeiro documento oficial escrito pelas mãos do papa Francisco, *Evangelii gaudium*, significa encontrar uma exortação apostólica conectada aos temas-chave da teologia da libertação (SUNG, 2008, p. 98; RIBEIRO, 2010, p. 34-35). Nosso recorte será em torno da opção preferencial pelos pobres, que permeia direta e indiretamente o documento de Francisco e a obra de Gutiérrez.

Como diz Freire em sua última entrevista, realizada em 17 de abril de 1997 (2018), os evangelhos (Bíblia) e *O capital* de Karl Marx (2008) se juntam nas encruzilhadas das periferias (FREIRE, 2018). Ambos são obras onde os trabalhadores aprendem que a liberdade é possível. A Bíblia não só é o livro da classe trabalhadora, é sua libertação das amarras desta sociedade excludente. Infelizmente, a Bíblia pode ser usada para autoritarismos, mas sem sombra de dúvidas o cristianismo nas periferias é a voz dos que nunca teriam voz.

“Os condenados da terra” (FANON, 2022), os invisíveis, aqueles que entram pela porta dos fundos e usam os elevadores de serviço durante o dia e à noite vestem seu terno, seu vestido e colocam suas bíblias embaixo do braço e seguem com os amigos para orarem, pregarem, rezarem e cantarem. As pequenas igrejas se transformam em espaços onde os que foram escondidos e silenciados durante o dia, podem orar e cantar o mais alto possível. É a voz dos que não tem voz. É aqui que Cristo e Marx se encontram, que o Evangelho se torna libertador.

Esse estudo ecoa a última entrevista de Paulo Freire (2018):

Quando muito jovem eu fui aos mangues do Recife, aos córregos, aos morros, e às zonais rurais do Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com os favelados. Confesso que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo que eu era mais ou menos camarada. Acontece que quando eu chego lá, a realidade dura do favelado, realidade dura do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência à adaptação, aquele estado quase que inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx [...]. A realidade deles me remeteu a Marx. E eu fui a Marx, [...] e quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma fundamentação objetiva para continuar camarada de

## Evangelii gaudium e libertação

Cristo. Então as leituras que fiz de Marx, não me sugeriram jamais, que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Com Marx na mundanidade, a procura de Cristo na transcendência.

Para iniciarmos essa conversa, escolhemos a obra fundacional: *Teologia da libertação* de Gustavo Gutiérrez de 1971, “a mais programática e a mais sistemática e importante para o período fundacional” (SUNG, 2008, p. 62), em diálogo com a exortação apostólica *Evangelii gaudium*, do papa Francisco, de 2013, “o primeiro documento pontifício inteiramente de sua autoria” (AMADO; FERNANDES, 2014, p. 82).

Os parágrafos elaborados pelo papa Francisco são estruturas compactas, conexas, onde os fragmentos dos conceitos e temas-chave presentes na *Teologia da libertação* de Gutiérrez se combinam graças ao retesamento extremo entre dispersão e concentração. São essas zonas limites ou devires presentes nos dois discursos, que trazem a “inseparabilidade interior do conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 37).

No documento, os conceitos da obra *Teologia da libertação* “manifestam-se como células plásticas e sonoras constituídas de modo orgânico em fluxo associativo. Em vez de sentidos completos, imprimem-se como sequências abertas, sinuosas, irregulares, porém em rigorosa harmonia” (LISPECTOR, 2020, p. 90). A sensação que temos ao ler *Teologia da libertação* e *Evangelii gaudium* é de que elas dialogam todo o tempo.

## 1 OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

### 1.1 Gustavo Gutiérrez

Gustavo Gutiérrez nasceu em Lima, Peru, em 8 de junho de 1928. Estudou Medicina e Letras. Foi militante da Ação Católica, o que o motivou a aprofundar os estudos teológicos. Presbítero desde 1958 e dominicano desde 1998, estudou Psicologia e Filosofia na Université Catholique de Louvain na Bélgica, e Teologia na Université de Lyon na França, na Pontificia Università Gregoriana de Roma e no Institut Catholique de Paris. Fundou o Instituto Bartolomeu de Las Casas, de Lima. Possui 23 títulos de doutor *Honoris causa*, outorgados por universidades de diversos países. Foi contemplado com o prêmio *Príncipe das Astúrias* em 2003, na categoria Comunicação e Humanidades. Iniciador da teologia da libertação (GUTIÉRREZ, 2014).

Para Gustavo Gutiérrez, o tempo que se inicia em Medellín (1968) continua sendo o contexto vital da América Latina, pois trata-se em termos bíblicos, de um *kairós*,<sup>2</sup> um tempo propício, um tempo oportuno (VINE; UNGER; WHITE JR, 2004, p. 1013) e exigente de interpelação do Senhor, no qual somos chamados a dar um testemunho muito preciso. “Nesse tempo oportuno, os cristãos estão experimentando um momento tenso e intenso de

---

<sup>2</sup> *Kairós* - *καιρός* – primariamente medida de vida, proporção devida, quando usado acerca de tempo, significava um período fixo ou definido, estação, temporada, às vezes um tempo oportuno ou apropriado (VINE; UNGER; WHITE JR, 2004, p. 835).

solidariedade, de reflexão e de martírio” (GUTIÉRREZ; MÜLLER, 2014, p. 80). Em Gutiérrez, “esse marco estimulante e imediato nos permite retomar e aprofundar o que há tempos consideramos os pontos fundamentais dessa linha teológica”. Dentre eles, o primeiro que o autor destaca dentro da teologia da libertação é “o ponto de vista do pobre” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 17).

Segundo Gustavo Gutiérrez (2000, p. 15),

o que frequentemente chamamos o fato maior da vida da Igreja latino-americana, a participação dos cristãos no processo de libertação é expressão de um vasto acontecimento histórico: a irrupção dos pobres. Nossos dias estão marcados pela presença nova daqueles que de fato estavam ausentes de nossa sociedade e da Igreja, ausentes porque de nenhum ou irrelevante significado e sem a possibilidade de manifestar seus sofrimentos, solidariedades, projetos e esperanças.

A irrupção dos pobres é o fenômeno de conscientização que os povos pobres obtiveram de sua condição no mundo nas décadas de 1950 e 1960. Esta reflexão teológica nasceu inicialmente na América Latina, “um continente habitado por uma população pobre e crente simultaneamente” (GUTIÉRREZ; MÜLLER, 2014, p. 68). Não podemos dizer que este processo terminou, pelo contrário, ele está em pleno andamento.

Quando Gutiérrez destaca os pobres no processo de libertação da América Latina, salienta não apenas a libertação do pobre, mas o papel do pobre no processo de libertação. Ou seja, sujeito de sua própria libertação. Daí a importância da presença destes na sociedade e na Igreja. Percebemos que a Igreja, sem os pobres, perde sua universalidade, sua catolicidade, e se transforma numa Igreja das elites, exclusivista (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 13).

Ao ver o processo de libertação latino-americano, Gustavo Gutiérrez acrescenta “a nova presença da mulher, especialmente a dos meios populares”. Para ele, esta mulher é “duplamente explorada, marginalizada e desprezada” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 16). Podemos classificar tal situação como “inaceitável” (GUTIÉRREZ; MÜLLER, 2014, p. 75). Gutiérrez condena a condição em que vivem as mulheres de nossa sociedade, com destaque para as de extratos sociais e étnicos desfavorecidos. Isto demonstra que a teologia da libertação “está estreitamente ligada a essa nova presença”, ou seja, daqueles que “sempre estiveram ausentes de nossa história”. Portanto, esta teologia, nada mais é do que a “expressão do direito dos pobres de pensar sua fé” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 16).

Gutiérrez também enfatiza que a “marginalização e o desprezo pelas populações [indígenas] e negras são situações que não podemos aceitar, nem como seres humanos nem, muito menos, como cristãos” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 18). Nesse caso específico, a contribuição de Gutiérrez amplia o sentido de pobreza. Não mais demarcando pobreza apenas como carência material, mas também no que se refere à exploração do ser humano (GUTIÉRREZ, 2000, p. 17). Essa luta vai desencadear “o fato maior da vida da Igreja latino-americana [...]: a irrupção do pobres” (GUTIÉRREZ, 2014, p. 15).

## Evangelii gaudium e libertação

A expressão *opção preferencial pelos pobres* na Teologia surge nos anos de 1960, e se consolidada precisamente entre as conferências episcopais de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Gustavo Gutiérrez, em seu livro *Ao lado dos pobres*, publicado em 2014, aponta como sendo tal contribuição fundamental para a Teologia Latino-Americana (GUTIÉRREZ; MÜLLER, 2014, p. 116). Inclusive, ele destaca que na evangelização essa opção é tarefa principal (GUTIÉRREZ, 2000, p. 70). Observamos que a força dessa opção permanece no discurso de Gutiérrez.

Outro aspecto presente na opção pelos pobres é o desejo permanente de conscientização da pobreza e da miséria. Esta conscientização tem o intuito de que no processo de libertação haja participação do oprimido, ou seja, de que o pobre seja o protagonista de sua libertação (GUTIÉRREZ, 2000, p. 175-176).

Através desta tomada de consciência é que surge, como diz Gustavo Gutiérrez (2000, p. 181-182),

a urgência do processo de libertação na América Latina – e a exigência da participação do povo – determina a prioridade de uma evangelização conscientizadora que liberte, humanize e promova o homem. [...] A pobreza real da Igreja não será verdadeira se não atender à evangelização dos oprimidos como a primeira de suas obrigações. [...] Mais que falar da Igreja dos pobres, deveríamos ser uma Igreja pobre. [...] Negamos isto, com nossas inconstâncias, nossas casas e edifícios, nosso modo de viver. [...] A pobreza expressa solidariedade com os oprimidos e protesto contra a opressão [...].

A Igreja desde Medellín fez uma opção decisiva, escolheu a preferência pelos pobres. Segundo Gutiérrez (2000, p. 334),

o termo pobre encerra uma realidade complexa, talvez a melhor aproximação a essa realidade consista em dizer que pobre é o insignificante, aquele que não é relevante para a sociedade e cujos direitos mais elementares à vida, à liberdade e à justiça são permanentemente violados.

Na verdade, “não ter acesso a certos valores culturais, sociais e políticos, faz parte hoje da pobreza que se deseja abolir” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 348). Como visto até agora nos escritos de Gustavo Gutiérrez, o termo pobreza designa em primeiro lugar, a pobreza material, ou seja, a carência de bens econômicos necessários para uma vida humana digna. Nesse sentido, a pobreza é considerada algo degradante e é rechaçada pela consciência do homem contemporâneo.

### 1.2 Jorge Mario Bergoglio – papa Francisco

Jorge Mario Bergoglio nasceu em 17 de dezembro de 1936, em Buenos Aires, Argentina, em uma família de imigrantes italianos. Na sua juventude, fez graduação e mestrado em Química na Universidad de Buenos Aires. Em 1958, ingressou na Companhia de Jesus, graduou-se em Filosofia em 1960, em Teologia em 1969 e em março de 1986 partiu para seu

doutoramento na Alemanha. Tornou-se pontífice de Roma em 13 de março de 2013. O primeiro documento escrito em seu pontificado foi *Evangelii gaudium*.

Nas primeiras linhas do documento, o papa Francisco diz que “a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. [...] Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria” (EG 1). O papa nos lembra que entre os seguidores de Jesus, na primitiva comunidade, tomavam o alimento com alegria; entre os discípulos, por onde passaram, houve grande alegria; até nas perseguições, estavam cheios de alegria. Francisco exorta-nos: “porque não havemos de entrar, também nós, nesta torrente de alegria?” (EG 5).

De acordo com o papa, a tentação apresenta-se, frequentemente, sob a forma de desculpas e queixas, como se tivesse de haver inúmeras condições para ser possível a alegria. Segundo ele, habitualmente isso acontece porque a sociedade teve a possibilidade de multiplicar as ocasiões de prazer, porém encontra dificuldades grandes ao agendar também a alegria (EG 7).

Nos primeiros parágrafos do documento, encontramos um convite à alegria, um convite à comunhão com Cristo, um convite à reflexão. Nas próprias palavras de Francisco: “posso dizer que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco a que se agarrar” (EG 7).

Nas linhas que se seguem, podemos ver respeito para com as pessoas pela sua força de não abandonar a vida e sua capacidade de valorizá-la. A força e significado dessas linhas estão, de fato, no que ele representa, ou seja, uma experiência pastoral na práxis, não só de uma teoria a ser aplicada. Esses parágrafos iniciais marcam o envolvimento e a proximidade com a questão da pobreza, e com a pessoa do pobre.

Ao olhar para a missão evangelizadora da Igreja, Francisco pergunta:

Mas a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas, sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que são desprezados e esquecidos, aqueles que não têm com que retribuir (Lc 14,14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres, não os deixemos jamais sozinhos! (EG 48).

Aqui encontramos a primeira citação direta em relação à opção preferencial pelos pobres, mas não uma citação literal conceitual. O respectivo movimento e atitude que correspondem à opção preferencial pelos pobres são traduzidos em palavras pastorais. A opção preferencial aos pobres é agora esclarecida como não privilegiar amigos e vizinhos ricos (EG 48), mas os “condenados da terra” (FANON, 2022), os desprezados e esquecidos, que não têm com que retribuir.

Interessante é a utilização de argumentos teológicos, não sociológicos nem antropológicos. Um desses aspectos é a compreensão do “reino que Jesus veio trazer” (EG 48).

## Evangelii gaudium e libertação

O reino é inaugurado, iniciado em Jesus. Não é em Cristo, que pode se referir a sua ressurreição, mas sim em Jesus, ou seja, na vida do nazareno, do homem trabalhador e pobre, do carpinteiro judeu. Quando o papa em seu discurso menciona que “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48), é porque ele entende que a Igreja está ligada por vocação nata à humanidade indigente e que sofre”. Em sua colocação, podemos ver ecoar as palavras de Medellín, de que os pobres são o sacramento de Cristo, vínculo indissolúvel e verdadeiro tesouro da Igreja (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 10-11).

Na *Evangelii gaudium* também temos uma indicação indireta a opção preferencial pelos pobres. Francisco aponta que as categorias de mercado enxergam Deus como incontrolável, e até mesmo perigoso, na medida em que ele chama o ser humano à sua plena realização e à “independência de qualquer tipo de escravidão” (EG 57).

Façamos a seguinte pergunta: Deus é incontrolável, não manipulável, e até mesmo perigoso (EG 57) para quem? Seria para aqueles que querem controlá-lo, manipulá-lo? Não seria para aqueles que tem poder? Eventualmente, também o poder eclesial? Na opção preferencial pelos pobres, não se fala em formar um povo de adoradores ou em aumentar os membros da Igreja. O foco está no ser humano, nas suas necessidades essenciais, na sua realização plena, que significa até mesmo independência da escravidão dos favores e privilégios (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 11).

Portanto, pedagogicamente, percebemos que o papa Francisco (EG 57-58) tem o intuito de ratificar o que foi elaborado em Puebla, ou seja, primeiro a expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples, depois o ensino aos pobres de que a fé libertadora do Evangelho se une como Igreja e como povo, e lutam por mais vida, e vida plena (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 11).

Talvez seja por isso que Francisco faz alusão aos que moram nas cidades, pois ali, “na vida cotidiana, muitas vezes os cidadãos, lutam para sobreviver, e nesta luta, esconde-se um sentido profundo da existência, que habitualmente comporta também um profundo sentido religioso” (EG 72). Nesse ponto, devemos pensar: quem são os pobres? Na verdade “são os que sofrem uma carência econômica fundamental, são os que estão privados dos bens materiais necessários para levar uma existência digna” (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 17). Francisco menciona que “a Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG 114).

Com a mesma intensidade, o papa escreve que

só a partir da conaturalidade afetiva que dá o amor, é que podemos apreciar a vida teologal, presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos pobres. Penso na fé firme das mães ao pé da cama do filho doente, que se agarram, a um terço ainda que não saibam elencar os artigos do credo; ou na carga imensa de esperança contida numa vela que se acende numa casa

humilde, para pedir ajuda a Maria, ou nos olhares de profundo amor a Cristo crucificado (EG 125).

Quem ama as pessoas, o povo e suas crenças, não pode ver estas ações unicamente como busca natural da divindade, mas sim a expressão da piedade popular. Vale destacar que essa piedade têm muito que nos ensinar. Para quem sabe ler essas expressões, elas são um “lugar teológico” (EG 126) que devemos voltar nossos olhos.

Primeiramente, precisamos compreender por lugar teológico textos, como a Escritura, a Tradição, o magistério, as sentenças teológicas, ou seja, textos que nos foram transmitidos. Na teologia latino-americana, o lugar teológico é antes de tudo um lugar real, “lugar de onde se podem reler mais adequadamente os textos do passado” (SOBRINO, 1994, p. 48).

Francisco, ao falar sobre a mística popular, “a vela que se acende numa casa humilde” (EG 125), também destaca que esse “lugar teológico” (EG 126) da teologia da libertação são os pobres da terra. Este lugar teológico, como realidade substancial, são os pobres deste mundo, e é essa realidade que deve estar presente e penetrar qualquer lugar categorial. Para justificar esta opção, a cristologia pode invocar a correlação entre Jesus e os pobres e sua presença neles (SOBRINO, 1994, p. 49).

Portanto, é a partir da vida real dos pobres, deste privilegiado “lugar teológico” (EG 126), que devemos reler os textos sagrados (SOBRINO, 1994, p. 48). Francisco nos dá indícios que ele assim o faz. Ele diz que esse “laço indissolúvel entre recepção do anúncio salvífico e um efetivo amor fraterno exprime-se nalguns textos da Escritura, que convém considerar e meditar atentamente para tirar deles todas as consequências” (EG 179).

Francisco elenca que a Bíblia:

É uma mensagem a que frequentemente nos habituamos e repetimos quase mecanicamente, mas sem nos assegurarmos de que tenha real incidência na nossa vida e nas nossas comunidades. Como é perigoso e prejudicial esta habituação que nos leva a perder a maravilha, o fascínio, o entusiasmo de viver o Evangelho da fraternidade e da justiça! A Palavra de Deus ensina que, no irmão, está o prolongamento permanente da encarnação para cada um de nós. (EG 179).

Na interpretação do papa Francisco, esse “lugar teológico” (EG 126), faz brotar “a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove” (EG 179). Portanto, a questão não é se alguém busca a Deus ou não, mas se o busca onde ele mesmo disse que estava, ou seja, entre os pobres (SOBRINO, 1994, p. 48). Francisco cita as palavras de Jesus (EG 179): “sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim mesmo o fizestes” (Mt 25,40). Francisco enfatiza que:

No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até ele mesmo se fez pobre. Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do sim de uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império. O

## Evangelii gaudium e libertação

Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (Lc 2,24; Lv 5,7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. (EG 197).

Aqui encontramos o qualificativo preferencial junto com a opção pelos pobres. É um indicativo que esta opção não pode ser exclusiva, quer dizer, destinada somente aos pobres. Assim o amor pelos pobres é por predileção, pois “o próprio termo preferência, rechaça toda exclusividade e sublinha quem deve ser os primeiros – não os únicos – em nossa solidariedade” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 23). O papa olha para o nascimento de Jesus, que é marcado por se encontrar no núcleo dos pobres, em um povoado da Galileia, chamado Nazaré. Isso o colocou entre as famílias pobres que ansiavam por libertação. Os detalhes de seu nascimento em um estábulo o remetem a uma íntima relação com a dureza da vida. Sendo assim, Francisco não esconde que entre Cristo e os pobres não existe separação (EG 286). Portanto, “o pobre é mediação viva do Senhor, sua expressão real, e não somente um intermediário” (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 132). Ou seja, não que Cristo se dirija ao pobre, como se estivesse fora dele, mas como se encontrando no próprio pobre (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 131).

Francisco reforça sua opção pelos últimos da história.

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus manifesta a sua misericórdia antes de mais [nada] a eles. Essa preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus (Fl 2,5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres [...], esta opção está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza. Por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres (EG 198).

Destacamos o desejo do papa Francisco de uma “Igreja pobre para os pobres” (EG 198). Somos levados a pensar que, além de ser o desejo do próprio papa, também é o desejo de Jorge Mario Bergoglio, ou seja, é o desejo de um cidadão, de um cristão. Ele espera uma Igreja que privilegia os pobres e que ofereça os primeiros lugares aos pobres. Não que essa Igreja não tenha lugar para o rico, ou que seja contra o rico, mas uma Igreja que é contra os privilégios e interesses próprios dos poderosos e opressores. Nessa Igreja há lugar para os ricos na medida em que se convertam e se fraternizem com os pequenos (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 158).

Verificamos também proximidade entre o pensamento do papa Francisco com o pensamento do papa João XXIII de que “a Igreja é e quer ser uma Igreja de todos, mas principalmente a Igreja dos pobres” (BOFF; PIXLEY, 1986, p. 11). Além disso, percebemos em *Evangelii gaudium* o mesmo tom do Concílio Vaticano II, que apontou Cristo como sendo aquele que realizou sua obra na pobreza. Logo convém que a Igreja siga o mesmo caminho. Vale destacar que a expressão *Igreja dos pobres* se tornou o próprio tema central do Concílio Vaticano II (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 12).

Francisco diz que:

Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, com seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé. [...] Quando amado, o pobre é estimado como de alto valor, e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres, de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos. Unicamente a partir desta proximidade real e cordial, é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. (EG 199).

A opção pelos pobres deve ser considerada como uma das maiores graças de Deus que a Igreja recebeu, pois ao conhecer melhor o pobre, conhecemos melhor a Jesus, fundador da Igreja (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 10). Essa compreensão fica mais evidente quando Francisco falando sobre a opção pelos pobres, enfatiza ser “necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG 198). O caminho para essa evangelização é um convite a nos misturarmos no meio do povo, a descobrirmos e encontrarmos Cristo nas esquinas e valados, nos morros e nas favelas.

### **1.3 Papa Francisco e Gustavo Gutiérrez: aproximações**

Dentre os excluídos do sistema econômico dominante estão os desempregados, os mendigos, as prostitutas, os menores abandonados, os trabalhadores explorados do campo e das cidades, os imigrantes subempregados nas grandes cidades (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 19).

Na *Evangelii gaudium*, Francisco amplia o leque de compreensão da pobreza e da exclusão. Para ele, as mulheres são “duplamente pobres”:

Duplamente pobres são as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menores possibilidades de defender os seus direitos. E todavia, também entre elas, encontramos continuamente os mais admiráveis gestos de heroísmo cotidiano na defesa e cuidado da fragilidade das suas famílias. (EG 212).

Semelhantemente, Gutiérrez também enxerga a “mulher, especialmente a dos meios populares, duplamente explorada, marginalizada e desprezada” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 16). Seguindo a Tradição católica, o papa Francisco aponta que Maria é símbolo dessa mulher pobre e trabalhadora:

Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura. Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno. (EG 286).

## Evangelii gaudium e libertação

De acordo com o papa Francisco, Maria é “mulher orante e trabalhadora de Nazaré”. Mas nem por isso deixa de sair às “pressas da sua povoação para ir ajudar os outros” (EG 288). Apesar de algumas referências, como esta que vimos sobre Maria, serem indiretas dentro da opção preferencial pelos pobres, uma coisa é verificável: essa opção de Francisco, permeia todo o documento. Portanto, poderíamos ler todo o texto de *Evangelii gaudium* e iríamos perceber, ao longo de toda a exortação, que realmente os pobres contam com um especial carinho da parte de Deus (AMADO; FERNANDES, 2014, p. 82).

O documento também apresenta aproximação com os discursos de Boff e Pixley (1986, p. 38) em relação à leitura da Bíblia, de que o Deus do êxodo, apesar de não fazer acepção de pessoas, numa situação de injustiça, faz uma opção preferencial pelos oprimidos em geral. Deus escolhe os escravos, as viúvas e os órfãos. Semelhantemente, Francisco (EG 187) demonstra em seu discurso, assim como Boff e Pixley, que o próprio Deus da Bíblia é o que faz a opção preferencial pelos oprimidos (PIXLEY; BOFF, 1986, p. 38).

Encontramos no documento que “toda a violação da dignidade pessoal do ser humano, clama por vingança junto de Deus, e torna-se ofensa ao criador do homem” (EG 213). Em *Teologia da libertação*, Gutiérrez entende que mais que falar de uma Igreja para os pobres, a Igreja deve ser pobre (GUTIÉRREZ, 2000, p. 182). Em *Evangelii gaudium*, Francisco deseja “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). Os discursos de Gutiérrez e Francisco expressam a opção preferencial pelos pobres. Gutiérrez enfatiza que:

Em última instância pobreza significa morte. [...] Ao mesmo tempo – é importante recordar – a pobreza não consiste só em carências. Muitas vezes o pobre possui uma cultura, com valores peculiares; ser pobre é um modo de viver, de pensar, de amar, de orar, de crer e esperar, de passar o tempo livre, de lutar pela própria vida. Ser pobre hoje significa igualmente, cada vez mais, empenhar-se na luta pela justiça e pela paz, defender a própria vida e liberdade, buscar maior participação democrática nas decisões da sociedade [...], e comprometer-se na libertação de toda pessoa humana (GUTIÉRREZ, 2000, p. 17).

O papa Francisco diz ser necessário “apreciar o pobre na sua bondade própria, com seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé” (EG 199). Através dos dois pensadores, compreendemos o importante lugar do pobre na Igreja, na evangelização e na libertação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire entende que os oprimidos devem libertar a si mesmos e aos opressores (FREIRE, 1977, p. 31) e a educação é a prática dessa libertação (FREIRE, 1977, p. 10). Seguindo a mesma compreensão, Gutiérrez diz que os pobres devem lutar pela sua liberdade, ou seja, devem lutar para se libertarem de qualquer dependência (GUTIÉRREZ, 2000, p. 168).

Francisco completa dizendo que cada cristão é um instrumento de Deus nessa libertação (EG 187).

Gutiérrez (2000, p. 168) e Francisco (EG 64) dão pistas em suas obras de que a educação pode ser um caminho para essa libertação. Destacamos a importância da educação nesse processo de libertação (GUTIÉRREZ, 2000, p. 151). Entendemos que uma das formas de lutar é através de uma educação conscientizadora (FREIRE, 1974), humana e humanizadora (FREIRE, 1977, p. 10).

Gutiérrez enfatiza que uma educação libertadora é o “meio-chave para libertar os povos de toda servidão” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 168). Francisco afirma que “torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente” (EG 64). Gutiérrez destaca que as obras e o trabalho de Paulo Freire são “um dos esforços mais criadores e fecundos” (GUTIÉRREZ, 2000, p. 151) para a libertação dos oprimidos e que as ideias e métodos de Freire são um caminho (GUTIÉRREZ, 2000, p. 152) para a libertação.

Paulo Freire acreditava que um método de ensino não deveria apenas vencer o analfabetismo, mas deveria levar desenvolvimento cultural, social e político ao estudante através da conscientização (FREIRE, 2009, p. 88-89). Nessa ótica, Freire enxergava o mundo a partir dos excluídos e condenados da terra (FREIRE, 2011, p. 16). Sua prática educativa estava alicerçada no amor (FREIRE, 2009, p. 91) e na experiência estética, onde a boniteza está de mãos dadas com a docência (FREIRE, 2011, p. 26). Para Freire, o projeto de aprendizagem é um projeto de humanização que possibilita que homens e mulheres aprendam a exercer e efetivar sua libertação (FREIRE, 1977, p. 11).

Gutiérrez e Francisco ampliam o conceito de pobreza. Gutiérrez enfatiza que como cristãos e seres humanos não podemos aceitar o racismo nem a humilhação e o desprezo que sofrem as comunidades indígenas (GUTIÉRREZ, 2000, p. 18). Na mesma ampliação, Francisco nos conduz a uma importante reflexão sobre os maus-tratos e violência que as mulheres mais pobres sofrem, inclusive aquelas que ficam grávidas em situação de extrema pobreza (EG 212).

Percebemos aqui um ponto de contato com Paulo Freire, que diz que se alguém se tornar machista, racista, classista, e outras mais, deve também se assumir como transgressor da natureza humana. Para Freire, qualquer forma de discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever de cada cidadão (FREIRE, 2011, p. 59).

A aprendizagem deve envolver a capacitação científica, a afetividade, a alegria e o desejo de mudança (FREIRE, 2011, p. 140). Educação que ensina a pensar criticamente (EG 64) é um ato de amor (FREIRE, 2009, p. 91) e conduz ao amadurecimento (EG 64). Para que essa educação se desenvolva em valores nobres (EG 64) e seja libertadora, deve ensinar compaixão e o amor ao próximo (ALVES, 2013, p. 33).

A corrupção não decorre da falta de conhecimento e informação, mas da falta de compaixão. A compaixão é a principal lição que a educação deve ensinar. Corações que não sofrem ao ver o sofrimento do outro são corações corrompidos. Corações corrompidos veem as

## Evangelii gaudium e libertação

crianças nas ruas, os velhos abandonados, os adolescentes confusos, os pobres com fome, mas isso não os faz sofrer. Corações sem compaixão batem sozinhos, não saem de si mesmos (ALVES, 2013, p. 32). As obras de Gutiérrez e Francisco nos conduzem na direção do amor e da compaixão. ✨

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Lições do velho professor**. Campinas: Papirus, 2013.
- AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Orgs). **Evangelii gaudium em questão: aspectos** bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2014.
- CONCÍLIO Vaticano II: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 1992.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Concientizacion**: teoría y práctica de la liberación. Buenos Aires: Busqueda, 1974.
- FREIRE, Paulo. **La educación como práctica de la libertad**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2009
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. Última entrevista de Paulo Freire (1997). **YouTube**, 28 dez. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LN43PJCBG2M>. Acesso em: 25 mar. 2021.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- GUTIÉRREZ, Gustavo; MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Ao lado dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MARX, Karl. **O capital**. 3. ed. Bauru: Edipro, 2008.
- PIXLEY, Jorge; BOFF, Clodovis. **Opción por los pobres**. Madrid: Paulinas, 1986.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **A teologia da libertação morreu?** Reino de Deus e espiritualidade hoje. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida: Santuário, 2010.
- SOBRINO, Jon. **Jesus, o libertador**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SUNG, Jung Mo. **Teologia e economia**: repensando a teologia da libertação e utopias. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

VINE, William Edwy; UNGER, Merrill; WHITE JR, William. **Dicionário Vine**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2004.

Recebido em: 16/08/2023.

Aceito em: 08/06/2024.